

viúva de ferro

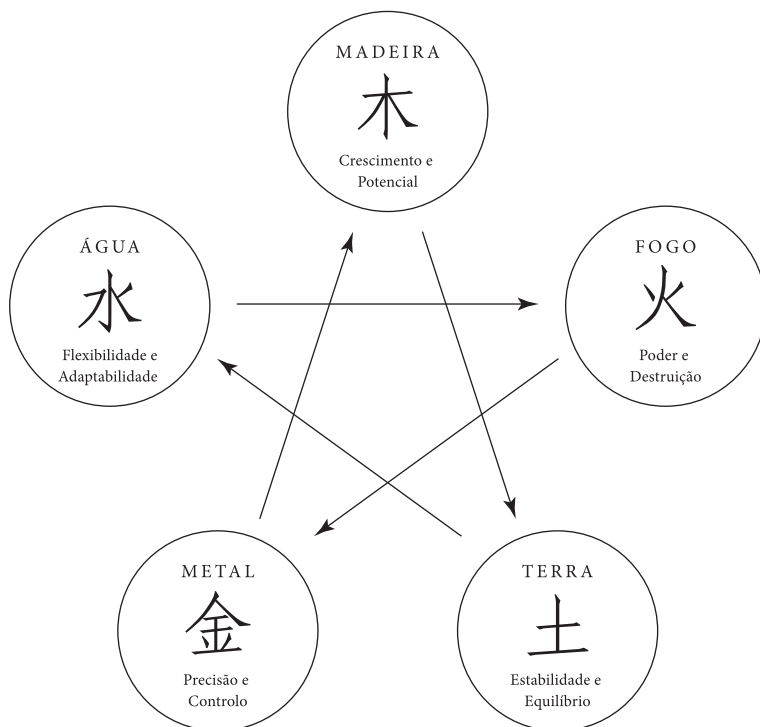
xiran jay zhao

Tradução de Luís Santos



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Rebecca Schaeffer,
que me acompanhou sempre, enquanto me transformava
de estatística em sobrevivente com força para escrever esta história



—————> TIPO DE VANTAGEM

Note-se que o presente livro contém cenas de violência e de abuso, ideação suicida, discussão sobre agressões sexuais e referências a essa prática (embora não haja descrição da prática), vício em álcool e tortura.

Esta não é uma obra sobre fantasia histórica nem sobre história alternativa; trata-se de uma narrativa futurista passada num mundo totalmente diferente, inspirada por elementos culturais presentes na globalidade da história chinesa e que tem como personagens figuras históricas recriadas com circunstâncias de vida díspares das originais. Uma vez que o objetivo central não era a fidelidade temporal relativamente a uma determinada época, tomaram-se bastas liberdades criativas ao recriar tais figuras históricas, procedendo-se, entre outras alterações, à mudança dos antecedentes familiares e das diferenças de idades entre cada personagem. Para obter uma panorâmica autêntica dos acontecimentos históricos recomenda-se a consulta de fontes não ficcionadas.

PRÓLOGO

Os Hunduns aproximavam-se. Uma manada inteira, as suas passadas na noite a ribombar pelos ermos, levantando uma tempestade de poeira escura. Os corpos rotundos e sem expressão, feitos de metal do espírito, cintilavam com o brilho da meia Lua e das estrelas que enchem o firmamento.

Um piloto inferior teria de reprimir os nervos para os enfrentar em combate, mas Yang Guang estava impávido. Na base da sua torre de vigia, junto à Grande Muralha, Yang Guang lançou à ação a sua Crisálida de um verde brilhante e alta como um edifício de sete ou oito andares, a Raposa de Nove Caudas. As garras metálicas ressoaram no solo que estremecia.

Uma Crisálida não era uma qualquer máquina de guerra. Ao contrário do que poderia fazer com uma carruagem elétrica ou com um hovercarro, Yang Guang não a manobrava com volantes nem com alavancas. Não, ele *tornava-se* a Crisálida. Enquanto o corpo mortal jazia, adormecido, no *cockpit*, os braços a envolver a concubina-piloto que levava com ele para a batalha dessa noite, era a sua mente que comandava psiquicamente cada parte da Raposa de Nove Caudas, fazendo-a avançar contra a manada que se aproximava vinda do horizonte. As silhuetas de outras Crisálidas ao serviço avançavam igualmente em ambos os seus flancos.

Yang Guang alimentava a Raposa canalizando o seu *qi*, a sua força vital, através de agulhas finíssimas de acupuntura espalhadas pela cadeira de

piloto que lhe trespassavam a carne até à coluna. O *qi* era a essência vital que sustentava tudo o que existia no mundo, desde o romper das folhas até ao crepitar das chamas e ao movimento do planeta. Yang Guang não só ia beber ao seu *qi* como também percorria a ligação psíquica da Raposa para drenar a sua concubina-piloto, cuja mente, perdida nas profundezas da dele, não tinha força suficiente para resistir. Fragmentos das memórias dela deixavam-se entrever, mas Yang Guang fazia o possível por ignorá-las. Era preferível não saber grande coisa acerca das suas concubinas. Só precisava da interação do *qi* dela com o seu, multiplicando-lhe a força de espírito e possibilitando-lhe controlar uma Crisálida daquele tamanho.

As primeiras impressões a chegarem a Yang Guang vinham de Hunduns de classe comum, quais enormes insetos metálicos ansiosos por penetrarem a Raposa e matá-lo. As suas várias cores pareciam baças à luz das estrelas, mas alguns iluminavam-se, disparando do corpo *qi* concentrado na forma de clarões luminosos ou dardos crepitantes. Se Yang Guang os encarasse na forma humana, eles agigantar-se-iam como casas, vaporizando-o instantaneamente, mas quando pilotava a Raposa eram demasiado pequenos para o magoarem. Ao esmagá-los com as garras da Raposa sentia-se percorrido por lampejos de emoções alienígenas — mágoa, terror e fúria numa combinação caótica como estática. Não sabia ao certo quantas Crisálidas haviam sido feitas com invólucros de Hundun — uma informação só conhecida pelos engenheiros de mais alto nível —, mas nem mesmo os séculos de desenvolvimento haviam conseguido eliminar a falha que fazia com que os pilotos sentissem tudo o que os Hunduns sentiam quando os cascos eram trespassados.

Os pilotos não costumavam falar sobre isso em público, mas resistir a essas emoções perturbadoras compunha uma parte surpreendentemente grande de cada batalha. Yang Guang era um dos mais poderosos pilotos ainda vivos exatamente por ser tão hábil a separar-se dessas emoções. Ia enfrentando os Hunduns à medida que resistia ao massacre mental. As nove caudas da Raposa agitavam-se atrás dele como nove membros adicionais, tratando dos Hunduns maiores com um estrépito imenso.

Yang Guang não lhes dedicava qualquer piedade. Os Hunduns eram invasores chegados algures do Cosmo que cerca de dois milénios antes haviam pulverizado a glória da civilização humana, reduzindo a humanidade a tribos dispersas. Não fosse pelo Soberano Amarelo, um lendário chefe tribal que, com a ajuda dos deuses, inventara a conceção das Crisálidas, a civilização nunca teria recuperado e o planeta estaria nas mãos dos Hunduns.

Drones equipados com câmaras, quais moscas de olhos vermelhos,

zumbiam em torno da Raposa. Alguns pertenciam ao Exército para a Libertação Humana; outros eram de empresas privadas de comunicação social, a transmitir a batalha para os quatro cantos de Huaxia. Yang Guang mantinha-se hiperatento, sem se permitir cometer um erro que fosse, de modo a não desapontar os fãs.

«*Raposa de Nove Caudas, a manada contém um Hundun de classe Príncipe!*», bradou um estratega militar pelas colunas no *cockpit* da Raposa.

Yang Guang ficou de imediato alerta. Um Hundun de classe Príncipe era um adversário raro, da mesma classe de peso que a Raposa. Se conseguisse eliminá-lo com danos mínimos poderia ser transformado numa Crisálida de classe Príncipe nova, ou ser oferecido aos deuses em troca de dádivas importantes, como por exemplo manuais de tecnologia ou medicina inovadores. E a vitória garantir-lhe-ia um grande impulso no estatuto de combate. Talvez conseguisse, por fim, ultrapassar Li Shimin, o homicida já condenado que não merecia ser o melhor piloto de Huaxia.

De modo a obter um tiro desimpedido, Yang Guang teria de assumir uma forma mais complexa com a Raposa.

— Xing Tian, protege-me! — disse ao camarada mais próximo pela boca da Raposa, com o *qi* a projetar a sua voz através do campo de batalha. — Vou transformar-me!

— Entendido, coronel! — respondeu Xing Tian a partir do Guerreiro Sem Cabeça, uma Crisálida com olhos amarelos brilhantes no lugar dos mamilos e uma boca a cintilar-lhe na barriga. Saltou para a frente da Raposa, eliminando com um gigantesco machado de metal do espírito os Hunduns que avançavam em ondas. As criaturas morriam com clarões de luz.

Descansado com a garantia de proteção, Yang Guang projetou o *qi* através da Raposa com tanta força de espírito quanta conseguiu gerar. Começaram a surgir rachas ao longo da superfície verde e hirsuta da Raposa.

Mesmo tendo sido criadas a partir de invólucros de Hundun, as Crisálidas eram superiores em todos os aspetos. As mentes dos Hunduns eram de tal modo vazias que se tornavam incapazes de alcançar o máximo de potencial do metal do espírito de que eram feitos, não conseguindo tornar-se nada além de globos rotundos.

Mas os seres humanos conseguiam.

Yang Guang imaginou a Forma Elevada da Raposa e ela ganhou existência. Os membros da Raposa estreitaram-se e alongaram-se, a cintura encolheu e os ombros recuaram, tornando-a um tudo-nada mais humanoide. As nove caudas aguçaram-se como lanças e abriram-se como um leque a partir

da base das costas, à semelhança do que faziam as verdadeiras raposas-de-nove-caudas, empertigando os apêndices traseiros para intimidar os adversários. Endireitou a Raposa; com o *qi* agora numa força de espírito superior, Yang Guang dispunha de controlo e precisão suficientes para a equilibrar sobre duas pernas. Isso deixava as garras frontais da Raposa livres para empunharem uma arma.

Yang Guang levou a mão sobre o ombro, fundiu uma garra em torno de uma das lanças da cauda da Raposa e separou-a das costas. Irrompeu então pela manada desembestada de Hunduns de diferentes tamanhos até avistar o indivíduo de classe Príncipe, após o que se acocorou e saltou do chão. A lança descreveu um arco nas trevas da noite; refletindo um raio de luar, trespassou o corpo redondo do Hundun, igual a tantos outros, salvo pelas seis minúsculas pernas afins das de um inseto. O metal do espírito estilhaçou-se com um som espetacular, qual armazém de porcelana a explodir. Yang Guang resistiu à onda de fúria e medo do Hundun enquanto a luz do núcleo repleto de *qi* se dissipava e apagava.

As outras Crisálidas que rechaçavam o oceano de Hunduns cintilantes ulularam de alegria. Os drones com as câmaras acercaram-se do invólucro de classe Príncipe e Yang Guang imaginou os vilões colados aos seus ecrãs a aplaudirem um pouco por todo o domínio de Huaxia. Extasiado, atirou-se para trás na Raposa, arrancando a lança do corpo do Hundun. Contudo, mesmo depois de cancelar o contacto, a sua mente sentia um receio que lhe era alheio.

Agora chegava-lhe da concubina e assoberbava-o como uma onda.

Chegara ao ponto limite em que sabia que a mente de uma concubina não regressaria ao respetivo corpo. Agora era ele quem, subconscientemente, a controlava por completo, tudo, até o bater do coração. Assim que se desligassem, não restaria nada que lhe mantivesse o coração a bombear sangue e ela entraria no além. Não havia volta a dar.

O importante seria que a família dela recebesse uma boa compensação. Com esse conhecimento, a alma da jovem repousaria calmamente nas Fontes Amarelas.

Fizera o possível por não se lembrar do nome dela. Já passara por tantas concubinas-piloto que tê-las presentes na sua memória o paralisaria. E ele não podia dar-se ao luxo de se distrair. Tinha de proteger o mundo.

Ela sabia bem no que se metera. Fora por ele que decidira alistar-se.

Yang Guang dedicou-se a esmagar e a trespassar a restante manada, garantindo aos fãs que a pátria de todos continuaria em segurança.

O nobre sacrifício da concubina não teria sido em vão.

PARTE I

O CAMINHO DA RAPOSA

Na montanha existe uma espécie de criatura com o aspeto de uma raposa com nove caudas, cujo grito lembra o choro de um bebé. Alimenta-se de carne humana.

— *Clássico das Montanhas e dos Mares* (山海经)

CAPÍTULO UM

É BOM QUE A BORBOLETA NÃO SEJA A MINHA FALECIDA IRMÃ

Durante dezoito anos fui salva de ser vendida para uma morte terrível e dolorosa pela minha monocelha.
Hoje irei dispensá-la dos seus serviços.

Bem, não sou *eu* que o vou fazer. A pinça que a minha irmã deixou estará na mão de Yizhi. Ajoelhado no tapete de bambu estendido no solo húmido da floresta, ele ergue-me o queixo enquanto arranca um pelo atrás do outro. Sinto a pele a arder como se estivesse a incinerar-se lentamente. À medida que trabalha, os fios negros do seu cabelo desgrenhado, meio apanhado em cima, afagam-lhe as vestes cor-de-rosa claras. O meu cabelo, mais acachapado e seco do que o dele, aloja-se num puxo improvisado debaixo de um trapo puído. Mesmo a cheirar a gordura, o pano cumpre a sua tarefa e afasta-me do rosto quaisquer madeixas extraviadas.

Tenho feito por parecer indiferente, mas cometo o erro de fitar demasiado tempo as feições gentis e concentradas de Yizhi, numa tentativa de as gravar na mente, para ter algo a que me agarrar nos últimos dias da minha vida. Sinto o estômago a dar uma reviravolta e uma pressão quente trespassar-me os olhos. Ao procurar reprimir as lágrimas só consigo fazer com que me escorram livremente pelos lados do nariz — a sério, nunca resulta.

Como é óbvio, Yizhi apercebe-se do que se passa. Interrompe o que está a fazer para confirmar o sucedido, mesmo sem motivo para acreditar que seja algo mais do que uma reação ao ataque perpetrado contra os meus poros.

Mesmo sem fazer ideia de que esta é a última vez que nos veremos.

— Estás bem, Zetian? — murmura ele, a mão com a pinça suspensa na fina película de humidade que paira no ar, vinda da catarata que ressoa a curta distância do nosso esconderijo. O regato borbulhante que corre entre as árvores baixas sob as quais nos encontramos abafa-lhe a voz, evitando que um transeunte nos encontre.

— Se continuas a fazer pausas não vou estar. — Reviro os olhos inchados. — Vá lá. Deixa-me aguentar até ao fim.

— Está bem. Pronto. — O sorriso que lhe ocupa as feições quase me faz vacilar. Yizhi seca-me os olhos com as mangas elegantes das vestes de seda, após o que volta a arregaçá-las e a prendê-las pelos cotovelos. São mangas de rico, demasiado compridas e largas para que sejam práticas. Troço delas sempre que me visita. Claro que, a bem da verdade, ele não tem culpa de que o pai não deixe que ele, ou os seus vinte e sete irmãos, saiam da propriedade com algo que não seja de luxo.

Um sol brilhante, recém-chegado após dias de chuva, penetra, em feixes, o nosso mundo secreto de calor húmido e folhas bailantes. Uma manta de retalhos de luz e sombras cobre-lhe os antebraços pálidos. O aroma verde a primavera, forte a ponto de o conseguirmos saborear, envolve-nos. Os seus joelhos — ele até se acomoda numa genuflexão polida e correta — mantêm uma distância curta, embora intransponível, das minhas pernas descuidadamente cruzadas. As vestes de seda, de marca, são um contraste absurdo em relação às minhas túnica e calças grosseiras, feitas em casa. Até o conhecer, não fazia ideia de que o tecido podia ser assim tão branco ou tão macio.

Ele arranca os pelos mais depressa. Dói-me bastante, como se a minha testa fosse uma criatura viva a ser lentamente desfeita, pelo que se voltar a lacrimejar isso não levantará suspeitas.

Quem me dera não ter de o envolver nisto, mas sei que a partir de determinado ponto começaria a ser demasiado doloroso encarar o meu reflexo e fazê-lo sozinha. Só veria a minha irmã mais velha, Ruyi. Sem os pelos enormes, que mantiveram baixo o meu valor de mercado, ficarei extremamente parecida com ela.

Ademais, não confio em mim para criar duas sobranceiras equivalentes a partir da entidade única que me reside na testa. E se tiver as sobranceiras desemparelhadas não poderei alistar-me para morrer.

Distraio-me da dor excruciante com o *tablet* luminoso no colo de Yizhi, lendo os apontamentos que ele tirou na escola desde a última visita que me fez, no mês passado. Cada toque no ecrã transmite-me uma sensação mais

escandalosa do que estar sozinha com ele numa montanha fronteira, rodeados pela vegetação e pelo calor primaveril, a respirar o mesmo ar inebriante com cheiro a terra. Os anciões da minha aldeia dizem que as raparigas não devem tocar nesses aparelhos celestiais, pois corremos o risco de os conspurcar com, sei lá, a nossa feminilidade maléfica, ou algo assim. Só graças aos deuses nas alturas é que se pôde reconstruir o tipo de tecnologia presente nestes *tablets*, depois da era perdida pela humanidade desde que se esconde dos Hunduns. Mas, por mais que esteja em dívida para com os anciões ou os deuses, se eles não me respeitarem por pertencer à «metade» errada da população, eu também não os respeitarei.

O ecrã brilha como o luar contra as vestes sombreadas de Yizhi, provocando-me com conhecimentos aos quais eu não deveria aceder, conhecimentos vindos de além da minha mísera aldeia montanhosa. Artes. Ciências. Hunduns. Crisálidas. Os meus dedos anseiam por aproximar o *tablet*, embora nem ele nem eu possamos mexer-nos — de uma reentrância no aparelho sai um cone de luz que me projeta sobranceiras matematicamente ideais no rosto. Podemos sempre contar com Yizhi e com as suas resplandecentes engenhocas urbanas. Ele conjurou isto minutos depois de eu ter mentido, dizendo que a minha família me dera um «aviso final» quanto à monocelha.

Será que me vai odiar quando descobrir do que realmente se trata?

Dos ramos sobranceiros desaba uma gota que lhe roça a face. Yizhi está de tal modo compenetrado que nem repara. Limpo-lhe o rasto molhado com o dedo arqueado.

Os olhos dele arregalam-se. A pele mimada, quase translúcida, ganha cor.

Não consigo reprimir um sorriso. Viro a mão para o tocar com as pontas dos dedos e pisco-lhe o olho. — Credo, as minhas sobranceiras novas são assim tão irresistíveis?

Yizhi solta uma gargalhada mais sonora do que o habitual, levando os dedos à boca e olhando em redor, embora nos encontremos decentemente ocultos.

— Para com isso — diz ele num tom mais baixo, com o riso, agora, a não passar de um murmúrio. Esquiva-se ao meu olhar. — Deixa-me trabalhar.

O crescente e inegável rubor nas faces dele deixa-me com uma repentina sensação de culpa.

Conta-lhe, roga-me a mente.

Mas limito-me a baixar as mãos de forma tão casual quanto possível e acedo a uma nova secção nos apontamentos dele, um tópico de estudos sociais sobre a dinâmica estatística dos ataques Hundun.

Para quê pôr a minha missão em risco contando-lhe? Seja como for que Yizhi encare a relação que temos, nunca cometi o erro de a levar demasiado a sério. Ele é filho do homem mais rico de Huaxia e eu não passo de uma miúda de fronteira que ele conheceu por acaso na sua procura por paz e sossego, nos cantos mais remotos a que conseguiu chegar com a sua hovermota. Se nos apanharem juntos, não será ele a acabar enfiado numa gaiola e afogado em nome da honra da família. Não importa que nunca tenhamos ultrapassado quaisquer limites proibidos.

Acabo perdida nos lábios dele, a percorrer-lhe as curvas delicadas, e dou comigo a recordar o tempo em que dei voz ao espanto por eles parecerem tão macios. Ele admitiu que se devia a uma rotina de esfoliação e de hidratação em quatro passos e eu ri-me com tanto gosto que tinha os olhos marejados de lágrimas quando lhe toquei nos lábios, após o que deixei de me rir, ficando a mirar-lhe os olhos, demasiado próxima dele.

Recuei de imediato e mudei de assunto.

A minha parte mais frágil lamenta o que nunca poderá acontecer entre nós, mas não posso excluir a possibilidade de, para ele, isto não passar de uma brincadeira. De que eu não seja a única camponesa que ele visita nas suas folgas. De que assim que eu me entregue ele volte a fechar as impecáveis vestes de seda e se ria na minha cara, se ria de algo que para ele é irrelevante, mas para mim pode representar vida ou morte, e, não obstante, eu me deixe arrastar pelos sorrisos e pelos sussurros.

Quiçá a minha cautela seja o que tornou a situação excitante, o que fez com que ele aparecesse todos os meses nos últimos três anos.

Não posso saber os verdadeiros motivos. E não me importo. Conquanto não ceda às minhas emoções, não perderei qualquer jogo que possa estar a desenrolar-se.

Claro que, bem vistas as coisas, mesmo que a totalidade da minha aldeia nos encontrasse neste preciso momento, a minha família já não me afogaria. Estou finalmente a fazer o que eles sempre quiseram: a embelezar-me para que me possam vender ao exército como concubina-piloto. Tal como aconteceu com a minha irmã.

Como é óbvio, eles estão totalmente alheios aos meus planos ainda mais grandiosos e mortíferos.

Quando Yizhi passa à zona inferior das minhas sobranceiras, o meu dedo demora-se na imagem de uma batalha entre Crisálida e Hundun nos apontamentos das aulas. A Crisálida, o Tigre Branco, apresenta uma forma tão graciosa e cores tão garridas que nunca imagináramos que em tempos

fosse um invólucro Hundun redondo e neutro. Na Forma Heroica, a sua mais elevada transformação, parece um guerreiro-tigre humanoide criado a partir de vidro leitoso liso. As partes constituintes, quais elementos de uma armadura, estão delimitadas por linhas verdes e pretas radiantes, o movimento a transformar as cores num borrão ao erguer um machado-adaga alto como uma árvore. O exército adora usá-lo nas suas campanhas e eu sinto-me confortável ao vê-lo. O par rapaz-rapariga unido mentalmente à Crisálida compõe uma União Equilibrada, sendo pequeno o risco de que a mente do rapaz consuma a da jovem no final da batalha, matando-a.

Ao contrário do que acontece com a piloto na maioria dos casos.

Era assim que eu receava que a Irmã Grande fosse morrer quando a nossa família a obrigou a alistar-se para acompanhar um piloto de classe Príncipe, a segunda categoria mais elevada. Mas ela nunca chegou ao campo de batalha. O piloto matou-a de um modo físico tradicional. Não sei por que motivo. A nossa família só recebeu as cinzas dela. Há oitenta e um dias que estão devastados... porque não receberam a choruda compensação de guerra com que contavam.

Engraçado. Todos sempre se *preocuparam* com a Irmã Grande.

Quando é que a Ruyi se casa?

A Ruyi vai alistar-se?

Credo, a Ruyi tem passado muito tempo ao sol? Está a ficar um bocadinho morena.

Mas assim que se soube que morrera, mais ninguém falou sobre ela. Ninguém quis saber o que eu fiz com as cinzas dela. Só Yizhi e eu sabemos que ela foi levada pelo ribeiro que corre ao nosso lado. É o nosso pequeno segredo, meu, dele e dela.

Olho para uma crisálida de borboleta pendurada de um ramo atrás de Yizhi. Foi a partir destes casulos que as Crisálidas receberam o seu nome, pelo que se diz que os pilotos mortos reencarnam como borboletas. A ser verdade, espero que esta não seja a minha irmã. Espero que ela tenha chegado bem longe, algures onde não possa ser alcançada pelos anciões maldizentes da aldeia, nem pelos alcoviteiros, nem pelos familiares gananciosos, nem por pilotos estupores.

Há já um bocado que uma borboleta nascente se contorce na crisálida, a separar-se da camada superficial. Consegui, por fim, romper a membrana. A cabeça emerge virada para baixo. As antenas saem a estremecer. Qual final grandioso, ela revela-se por completo, lembrando uma flor a desabrochar.

As borboletas são comuns nesta mata, pelo que esta visão não é assim tão especial.

Mas quando esta borboleta estica as asas, os padrões não combinam.

— Uau! — Endireito-me.

— O que foi? — Yizhi olha para trás.

— Aquela borboleta tem duas asas diferentes!

Também Yizhi faz um som de surpresa, o que significa que não se trata de um qualquer fenómeno típico que eu desconheço por ser uma camponesa fronteiriça. Ele diz que tenho as sobrançelas praticamente terminadas e depois ergue o *tablet* para gravar um vídeo ampliado da borboleta.

Os nossos olhos não nos enganaram. Uma das asas é preta com um ponto branco e a outra é branca com um ponto preto — como o símbolo do *yin-yang*. Estas borboletas foram batizadas por causa disso, mas nunca vira uma com ambos os símbolos, o do *yin* e o do *yang*.

— Como é que isto aconteceu? — admiro-me.

O sorriso de Yizhi alarga-se. — Sabes o que fazer quando tens dúvidas.

— «Pesquisa.» Está bem. — Abro o motor de busca no *tablet* de Yizhi, tal como ele me ensinou. Não é difícil de utilizar — basta introduzir as palavras-chave da minha pergunta —, mas usar meia dúzia de toques para aceder a todo o conhecimento que os eruditos das cidades reconstruíram, a partir dos manuais crípticos que os deuses nos lançam sempre que lhes apresentamos tributos suficientes, é um processo surreal e intimidante.

Semicerro os olhos, concentrada na escrita académica que surge nos resultados da pesquisa. É bem mais difícil do que ler os apontamentos das aulas de Yizhi, mas estou decidida a decifrá-la sozinha. — Parece que ter asas diferentes significa que uma borboleta é... ao mesmo tempo macho e fêmea. — As minhas sobrançelas saltam. Fico boquiaberta com a frase. — Isso pode acontecer?

— Sim, claro. Na natureza, o sexo biológico assume uma série de variações. — Yizhi aproxima-se de mim no tapete de bambu, subindo as vestes para que não arrastem pela terra cinzenta. — Existem até criaturas que mudam de sexo consoante a necessidade.

— Mas eu pensava... — Pestanejo várias vezes com rapidez. — Pensava que as fêmeas eram fêmeas porque têm um *qi* primordial baseado no *yin* e que os machos eram machos porque têm um *qi* primordial baseado no *yang*.

O *yin* e o *yang* representam as forças opostas que dão vida ao Universo. O *yin* é tudo o que é frio, escuro, lento, passivo e feminino. O *yang* é tudo o que é quente, brilhante, célere, ativo e masculino.

Pelo menos assim me disse a minha mãe.

Yizhi encolhe os ombros. — Acho que não haverá nada que seja assim

tão rígido. Há sempre um pouco de *yin* no *yang* e um pouco de *yang* no *yin*. Isso surge, desde logo, no símbolo. Agora que falamos nisso, tenho quase a certeza de que até há casos em que os seres humanos nascem como esta borboleta, sem que possamos identificar o género a que pertencem.

Arregalo ainda mais os olhos. — Que lugar ocupariam essas pessoas se fossem pilotos?

Todas as Crisálidas apresentam a mesma disposição de lugares. As raparigas sentam-se no banco *yin*, mais baixo, e os rapazes no banco *yang*, um pouco mais alto, atrás delas, com os braços a envolver as mulheres.

Yizhi tamborila o dedo no tapete de bambu. As sobranceiras finas contraem-se enquanto ele se deixa embrenhar nos pensamentos. — O que correspondesse ao género do qual mais se aproximam?!

— E o que quer isso dizer? A partir de que momento é que um banco deixaria de funcionar com eles? — replico. — E porque é que os géneros são assim tão importantes para o sistema? A pilotagem não é algo completamente mental? Então, porque é que são sempre as raparigas a serem sacrificadas para se obter poder?

— Eu... não sei.

Tento procurar uma resposta legítima para a minha questão, mas deparo-me com uma caixa vermelha de alerta.

ALERTA: PERMISSÃO INSUFICIENTE
RESULTADOS LIMITADOS

— Ah, não se pode pesquisar nada relacionado com a estrutura das Crisálidas. Eles não podem deixar que se construam unidades falsas. — Yizhi pega no *tablet*.

Deixo que mo tire das mãos. Fito a borboleta com as asas *yin* e *yang*.

Fêmea. Esse rótulo nunca me serviu de nada, só ditou aquilo que posso ou não posso fazer. Não posso ir a sítio nenhum sem autorização. Não posso mostrar demasiada pele. Não posso falar muito alto, nem de forma brusca, nem posso falar, de todo, se houver homens a falar. Não posso viver sem ter consciência constante de quão agradável sou para o olhar. Não tenho outro futuro que não seja parir filho atrás de filho para um marido, ou morrer numa Crisálida a fim de que um rapaz possa ter poder suficiente para alcançar a glória.

É como se um casulo estivesse a sufocar o meu ser. Se as coisas fossem à minha maneira, eu existiria como aquela borboleta, impossibilitando que alguém me rotulasse com facilidade.

— Yizhi, acreditas que as raparigas estão naturalmente predispostas para o sacrifício? — murmuro.

— Isso não pode ser verdade, pois tu és uma rapariga e nunca farias tal coisa.

— Então! — Uma gargalhada rompe-me a melancolia.

— O que foi? É mentira? — Leva as mãos às ancas, as mangas a adejarem.

— Está bem, pronto! Não é mentira. — Reprimos um sorriso.

E depois, os cantos dos meus lábios deixam de se repuxar.

Seria incapaz de viver e de sofrer fosse por quem fosse, mas morreria para vingar a minha irmã.

Yizhi sorri, alheio ao que me vai na mente. — Mas, sinceramente, não vejo qual seja o mal de apreciares a tua vida. Em lutares por aquilo que queres. Acho que é admirável.

— Uau. — Fungo sem grande vigor. — Tenho as sobrancelhas assim tão hipnóticas?

Yizhi ri-se. — Não tenho coragem de te mentir, portanto admito... ficas muito mais bonita ao seguires os padrões de beleza tradicionais. — O sorriso dele torna-se mais gentil. Os olhos brilham na sombra irregular, quais lagos noturnos a refletirem as estrelas. — Mas continuas a ser a Zetian que eu conheço. Não interessa o aspeto, para mim és a rapariga mais espantosa do mundo.

O aperto que sinto no coração fá-lo estalar.

Não posso fazer isto. Não posso deixá-lo sem lhe contar a verdade.

— Yizhi — digo, a voz sombria como uma voluta de fumo.

— Desculpa, eu estava...? Oh, não. Isto saiu muito esquisito? — Yizhi solta uma risada atrapalhada. — Numa escala de «um» a «homem de meia-idade a pedir-te que lhe dês um sorriso», fiz-te sentir muito desconfortável?

— *Yizhi*. — Agarro-lhe as mãos, como se isso o pudesse preparar para o que aí vem.

Ele fica em silêncio, deixando-se mirar, numa confusão bem patente, as nossas mãos entrelaçadas.

Digo-o. — Vou alistar-me como concubina-piloto.

Fica de boca escancarada. — De que piloto?

Abro a boca, mas não consigo cuspir o nome do desgraçado. — *Dele*.

Yizhi perscruta-me os olhos. — Do *Yang Guang*?

Assinto, o calor do rosto agora perdido.

— Zetian, ele matou a tua irmã!

— É por isso que vou. — Largo as mãos de Yizhi e retiro um gancho

comprido de madeira do puxo embrulhado no trapo. — Vou ser a concubina dele, bela e apaixonada. E depois... — abro o gancho, revelando a ponta aguçada no interior — corto-lhe o pescoço quando estiver a dormir.

CAPÍTULO DOIS

COMO ÁGUA PORTA FORA

Arrasto-me sozinha pelos carreiros montanhosos, apoiada na minha bengala de bambu. Sou seguida por uma treliça de sombras florestais, trespassada por feixes de pôr do sol carmesim. Se não chegar a casa antes de o sol se esconder atrás dos picos ocidentais, a minha família irá julgar que se trata de nova tentativa de fuga. A aldeia começará a esquadrinhar as montanhas com lanternas e cães a ladrar. Não podem deixar que as suas filhas julguem que é possível escapar.

Folhas empapadas são esmagadas pelos meus sapatos minúsculos e gastos, que Yizhi se voluntariou para substituir vezes sem conta. Claro que eu nunca poderia ter aceitado as ofertas dele, não fosse a minha família descobrir a sua existência. O nó que me embarga a garganta cresce com a memória da sua expressão horrorizada ao ficar a par da missão que impus a mim própria, bem como da forma entrecortada como ele me chamou o nome depois de eu desaparecer na mata para atalhar a conversa. Não lhe devia ter contado. Ele nunca deixaria de tentar impedir-me.

Agora, esse momento terrível será o último que tivemos juntos.

Não tenho a certeza de ter ouvido o zumbido da hovermota por cima das copas das árvores, mas espero que ele tenha deixado as montanhas. Não será capaz de mudar nada. Não é meu dono. Ninguém é. Podem julgar que sim, mas por mais que me censurem, que me ameacem, que me espanquem, eles não controlam o que realmente se passa na minha cabeça. Acho que isso os frustra profundamente.

Um clarão sanguíneo de ocaso recebe-me ao fundo do caminho da floresta. Quando as sombras me libertam sou brindada com o panorama dos terraços de arroz onde cresci, encostas inteiras esculpidas como degraus a treparem para o firmamento. Lagos alimentados pelas águas das chuvas cintilam em cada plataforma, alimentando os rebentos de arroz e refletindo o céu escaldante. Nuvens febris pairam sobre os sulcos de água enquanto os percorro. A bengala atravessa as elevações borbulhantes de lama cinzenta. O fumo dos jantares ao lume ergue-se dos favos de casas aninhadas nos socalcos. As volutas misturam-se com a neblina tingida de cor de laranja do lusco-fusco que serpenteia em torno dos picos mais altaneiros.

No inverno gelado dos meus cinco anos, quando o frio se fazia sentir com tal impiedade que os terraços de arroz se solidificavam, a minha avó obrigou-me a andar descalça sobre o gelo. Depois de o frio se ter cristalizado de tal maneira na minha carne que a deixou roxa, a avó enxotou os homens de nossa casa, sentou-me no piso glacial de betão e mergulhou-me os pés numa bacia de madeira com sangue de porco fervido e medicamento analgésico. Seguidamente, duas das minhas tias imobilizaram-me contra o chão enquanto a minha avó me partia todos os ossos do peito dos pés para os reduzir a metade.

A força do grito que me dilacerou ainda se faz ouvir nas minhas memórias quando menos o espero, surpreendendo-me sempre a meio do que estiver a fazer.

Não se passa o mesmo com a dor. Esta não me surpreende, pois nunca mais me abandonou. Sinto-a, excruciante, pernas acima a cada passo que dou.

A. Cada. Passo.

Eu não ando. A última vez que andei foi durante o trajeto ardente no terraço congelado de arroz. Desde então, os meus pés ficaram cingidos em globos informes que só conseguem *titubear*. Perdi três dedos devido a infeções que quase me ceifaram a vida, eliminando-me por completo o equilíbrio. Os outros dedos jazem em torno da planta dos pés, quase chegando aos calcanhares, como se tentassem levar o monte de ossos e carne pernas acima. As solas dos meus pés são mais pequenas do que as palmas das minhas mãos. Tenho um par de pezinhos de lótus perfeitos.

Isso promove-me o valor de mercado.

A minha família censura-me constantemente por deixar que os pelos faciais cresçam com total liberdade e por ter demasiada gordura em torno da cintura, mas os piores flagelos e insultos gritados surgem quando me revolto contra a pressão das faixas que tenho nos pés. As sobranceiras hirsutas

podem ser depiladas, o peso pode ser eliminado passando fome, mas os pés de lótus deixam de o ser quando se permite que voltem a crescer. E não há homem oriundo de uma família respeitável que se case com uma rapariga sem pés enfaixados.

— Sem eles seríamos iguais aos Rongdi! — gritou-me certa vez a minha avó enquanto eu ululava e chorava por ter de ser submetida ao ritual. Ela referia-se às tribos que, de um modo geral, percorrem os ermos selvagens e têm como estratégia para escapar aos Hunduns enfiar tudo no lombo de um cavalo e fugir. Alguns foram absorvidos por Huaxia quando expulsámos os Hunduns de regiões inteiras; outros, de paragens mais distantes, têm atravessado a Grande Muralha em pequenos grupos persistentes. Nós, que vivemos na fronteira, temos muitos como vizinhos. A minha família sempre me alertou para o risco de me tornar parecida com as mulheres deles, que «infestam tudo sem moral, sem vergonha e sem decência».

Em pequena deixava-me levar pelo medo de me tornar numa *daquelas mulheres*. Mas ao crescer fui ficando progressivamente mais confusa quanto ao que de errado elas possam ter.

Ao passar sob um aglomerado de casas mais elevado na encosta dividida em socalcos, uma mancha de homens desvia a atenção da água onde se encontram até aos joelhos e devoram-me com o olhar. Nunca me perseguiriam — aqui, todos se conhecem uns aos outros —, mas deixam sempre bem claros os seus desejos.

É que quando todas as filhas da fronteira minimamente apresentáveis se alistam como concubinas-piloto, ou são vendidas a homens ricos das cidades, os habitantes da fronteira começam a ter graves problemas em encontrar quem lhes possa parir um filho. Os preços das noivas chegaram às dezenas de milhares de iuanes, valores que uma família não tem como pagar... a menos que alistem as suas filhas ou as vendam aos abastados das cidades.

É um ciclo terrível, sem fim à vista. Ninguém permanece na fronteira a menos que a isso seja obrigado. A maioria de nós só aqui está porque o nosso lar ancestral original, a província Zhou, caiu nas garras dos Hunduns há duzentos e vinte e um anos.

Fulmino os homens com o meu olhar mais odioso. A água dos terraços arde como cobre derretido ao sol que se põe e eu imagino-a a aquecer de verdade e a cozer vivos os homens que lá estão.

E, então, a minha bengala parte-se e eu caio.

Gravidade. Um dos primeiros conceitos científicos que aprendi com Yizhi. Ela puxa-me para o carreiro enlameado e quase me arrasta para um

dos campos de arroz. A base do polegar raspa na lama que fica marcada. A papa fria bate-me no nariz e na face.

Ergo-me em ambos os braços. Nhanha cinzenta escorre-me da cara ardente e pouso na túnica. Preparo-me para as gargalhadas.

Que não surtem.

Em vez disso, os homens chapinham pelos terraços, com gritos excitados, reunindo-se em torno de alguém com um *tablet* nas mãos.

A minha confusão é atingida por um frémito.

Um frémito nas águas dos socalcos, mais especificamente.

Sinto o fôlego entrecortado. Há vibrações inconfundíveis a percorrer o solo, a agitar a água.

Além da fronteira tem início uma batalha entre Hunduns e Crisálidas.

Levo a orelha ao chão, sem me importar que isso me esteja a sujar ainda mais e a ensopar o trapo que me prende o cabelo. A Grande Muralha fica a poucas montanhas de distância. Num dia limpo conseguimos ver os picos secos e sem vida, drenados de *qi* pelas Crisálidas estacionadas ao longo deles.

Os homens devem estar a assistir a uma transmissão ao vivo e a apostar no número de pontos que cada piloto vai alcançar. Mas sentir a força física das Crisálidas no planeta é muito mais puro, mais visceral, mais impressionante.

Que poder.

Sinto a garganta seca, mas tenho água na boca. Fecho os olhos e imagino-me a assumir o comando de uma Crisálida, agigantando-me sobre edifícios e esmagando a terra com os meus membros colossais e rajadas luminosas de *qi*. Seria capaz de obliterar quem me tentasse deter. Poderia libertar todas as jovens que quisessem fugir.

Uma ovação estrondosa dos homens estilhaça-me o sonho.

Abano a cabeça. Cai-me terra nas mangas. Ajoelho-me, coberta de sujidade, e fito a bengala partida.

Devia parar com as ilusões.

Não sei se para o meu pai vai contar que eu tenha chegado a casa antes do meu recolher obrigatório. Os últimos lampejos de sol surgem detrás da nossa fortaleza de montanhas como uma auréola azul fantasmagórica, recortando-as e dando-lhes a forma de sombras colossais que lembram Hunduns.

— Onde estiveste? — É a minha mãe a sussurrar pela janela gradeada do anexo que serve de cozinha ao lado da nossa casa. A voz dela é frágil como o vapor que suspira da grande panela de papas de aveia que ela está a mexer. A

minha avó está sentada num banco atrás dela, a escamar um *luoyu*, um peixe alado das águas dos terraços. A luz da lareira bruxuleia-lhes nos rostos gastos pelo tempo, como se encurraladas numa masmorra em chamas.

— Estive na mata. — Pela janela entrego à minha mãe uma bolsa com ervas e raízes. É por elas que passo tanto tempo na floresta, e foi graças a elas que conheci Yizhi.

— O que aconteceu? — A minha mãe pousa a bolsa numa prateleira de madeira sem desviar a atenção do meu estado miserável. Cabelos grisalhos escapam-se do trapo puído que lhe envolve a cabeça e tremem nas ondas visíveis de calor.

— Tropecei. Parti a bengala. — Retomo o cambalear pelo caminho de pedra que contorna as casas. Pouso cada pé a medo, tentando não ir aterrar no telhado dos vizinhos um patamar abaixo.

— Tiveste sorte que a batalha tivesse começado. — A minha mãe lança um olhar rápido à entrada principal da casa, lá à frente. Os olhos refletem o alaranjado das chamas que crepitam na lareira. — Despacha-te. O teu pai que não te veja nesses preparos.

— Certo.

— E amanhã limpa bem essas roupas. Não podes estar assim quando chegar o exército.

Sinto uma pontada no peito ao ouvir o tom casual com que ela o diz. Pode não fazer ideia da minha verdadeira intenção, mas de certeza que tem consciência de que o facto de me alistar vai ter como resultado a minha morte, aconteça o que acontecer.

Deve lembrar-se do caso da Irmã Grande.

Ou será que não se lembra? A minha mãe consegue ser tão boa a fingir que não se passa nada que, por vezes, receio que seja *eu* quem tem uma cabeça cheia de recordações falsas.

— De certeza que me dão roupas melhores. — Miro as barras de luz que se projetam da janela da cozinha.

— Mas tens de estar apresentável.

Interrompo o meu gingar e viro-me pela cintura para a encarar.

Fiz o possível por ignorar uma grande consequência que admirá dos meus planos de assassinato: matar um Nobre de Ferro, um piloto com uma força de espírito máxima superior a 2000 — ao passo que a de um ser humano normal não ultrapassa 84 — afetaria três gerações da minha família: a minha mãe, o meu pai, o meu irmão Dalang, de dezassete anos, os meus avós, as minhas tias, os meus tios. Todos eles seriam executados a par de

mim. Isso porque os pilotos como Yang Guang são de suma importância para o esforço de guerra.

Dá-me uma razão para te proteger. Fito a minha mãe. *Detém-me.*

Só preciso de um sinal de que eles são dignos de misericórdia. Um sinal que me diga que valorizam tanto a minha vida como eu devo valorizar a deles.

Uma vez que já não vale a pena reprimir-me, dou voz ao pensamento que mais me consome. — A mãe está mesmo mais preocupada com a minha apresentação do que com o facto de eu estar prestes a ir para a guerra?

O lume crepita ao lado da minha mãe. Ela mira-me, de olhos semicerrados, mergulhada em fumo de madeira e vapor fragrante. É então que um sorriso se espalha pelo rosto dela, qual flor silvestre num ermo em fogo lento. — As tuas sobrancelhas... deste-me ouvidos. Estás linda.

Viro a cabeça de rompante e prossigo o meu caminho, mesmo com cada passo a parecer que estou a pisar fios descarnados.

Até parece que nem ouviu o que eu disse.

Candeeiros elétricos vão piscando pela aldeia, iluminando janelas como os olhos brilhantes que as Crisálidas têm, mas os Hunduns não. Uma brisa varre os terraços de arroz, dando um toque verde ao aroma dos jantares humildes.

Das portas abertas da minha casa surge luz da cor do trigo. Os gritos metálicos de um comentador de batalha trespassam a noite nascente, vindos do *tablet* que o governo de Huaxia concedeu à nossa família (embora, como é óbvio, só os homens o possam usar livremente). O meu avô, o meu pai e o meu irmão assentaram-no na mesa escurecida pela gordura. Têm os olhos arregalados na direção do ecrã, e neles refletem-se as cores intermitentes do confronto entre Hunduns e Crisálidas.

Aproveito a oportunidade que me é dada para entrar em casa. Dirijo-me, tão depressa quanto consigo, ao quarto que sou obrigada a partilhar com os meus avós desde a minha segunda tentativa de fuga durante a noite, anos antes.

— *...e aí vem o Pássaro Vermelho!*

Detenho-me e quase caio. O sangue gela-me nas veias.

Essa unidade não.

Até a minha família, obcecada por Crisálidas, que normalmente aplaude todas as unidades de renome, mantém um silêncio desconfortável. Ninguém quer reconhecer que o Pássaro Vermelho é, neste momento, a Crisálida mais forte em Huaxia. Com mais de cinquenta metros de altura na sua Forma Padrão, o Pássaro é a única Crisálida de classe Rei de que dispomos. Mas ela é pilotada por Li Shimin, o Demónio de Ferro, um condenado à morte mestiço,

de ascendência parcialmente rongdi, que assassinou o pai e ambos os irmãos quando tinha apenas dezasseis anos. Agora tem dezanove. A execução tem vindo a ser adiada sem data definida devido à sua força de espírito bizarramente elevada, a mais alta registada em dois séculos.

Embora as concubinas-piloto corram sempre o risco de morrer em combate, no caso dele a morte é sempre garantida.

Nunca ninguém sobreviveu a uma viagem com ele.

Em breve irá morrer uma rapariga.

— Ei!

O meu pai interrompe-me os pensamentos. Dou um salto, sobressaltada, agarrando-me às paredes de madeira.

A sua cadeira geme ao ser arrastada pelo soalho de betão. Ele levanta-se, sombras a passearem-lhe pelas rugas na testa. — Porque estás assim tão suja?

Sinto gotas geladas de transpiração por baixo do trapo que me envolve o cabelo. — Caí nos terraços.

Desta vez não é mentira.

O clamor dos embates entre metal do espírito e rajadas de *qi* faz-se ouvir na transmissão em direto. O meu avô e o meu irmão continuam a assistir, como se nada se passasse. O meu pai contorna-os e segue na minha direção. O topete dele, tragicamente frouxo devido ao cabelo cada vez mais ralo, pendeu-lhe contra a cabeça.

— Acho bem que não tenhas andado a brincar com *rapazes*.

— É claro que não. — Recuo, com o ombro a bater na porta do quarto dos meus avós.

Meia mentira. Estive a partir-lhe o coração.

O meu pai acerca-se mais. A sua figura imponente duplica de tamanho à minha frente. — É bom que passes no teste de virgindade quando...

Aquela palavra faz-me esquecer o quanto o temo.

— Pela última vez, *nunca tive nada dentro de mim!* — grito. — Deixe de ser tão obcecado!

Ele fica aturdido com o choque, mas sinto a fúria que se avizinha.

Esgueiro-me pela porta do quarto e fecho-lha na cara.

— O que é que acabaste de me dizer? — O grito ecoa pela casa e os punhos ressoam quando esmurra a porta. A maçaneta de cobre tilinta com tanta força que parece que algo se partiu no interior.

— Estou a desenfaixar os pés! — Atiro as costas contra a porta enquanto implemento a ameaça. Os pés desenfaixados são algo ainda mais indecente do que seios desnudados. A par disso, o cheiro a carne apodrecida deverá

constituir uma classe muito própria de arma biológica. É suposto que as raparigas mantenham a fantasia que é a sua beleza etérea usando sempre sapatos bordados perfumados e nunca removendo as faixas à frente de ninguém, nem sequer dos maridos.

Os punhos do meu pai deixam a porta, mas os pulmões continuam a trabalhar. *Mal-educada. Ingrata. Puta.*

O habitual.

A voz frágil como a neblina da minha mãe deixa-se ouvir, tentando acalmá-lo. O meu irmão ri-se. O avô aumentou o volume da transmissão para o máximo. Há uma rapariga a morrer numa Crisálida em nome da Humanidade.

Não me arrisco a sair do quarto para jantar.

Tenho o estômago a roncar, a fervilhar como as papas de aveia que tanto deseja, mas fico na cadeira de verga onde a minha avó tricota, com os pés de molho na mesma bacia de madeira que os preparou para serem esmagados.

Vês, é por isto que não interessa se os arrastares, debita o meu âmago fétido e pútrido nas profundezas da minha mente.

Solto a rolha de madeira de um dos termos altos que os meus avós têm no quarto.

Eles não querem saber de ti.

Despejo novo jorro fumegante para a bacia. Folhas e raízes medicinais dançam apressadamente da cascata, deixando a água acastanhada, qual sangue esquecido a um canto.

Não tens de te preocupar com eles.

Um candeeiro zumbe por cima de mim. Sombras deslocam-se pelos cantos encardidos do quarto, parecendo aproximar-se. Pouse o termo e deito um olhar vazio à enxerga onde durmo, ao lado da cama dos meus avós. Em Huaxia corre um dito: uma filha casada é como água porta fora. Ao contrário do meu irmão Dalang, que dará continuidade ao apelido Wu e ficará para sempre em casa a cuidar dos nossos pais, eu nasci para uma existência efêmera na vida da minha família, sendo algo a que atribuir um preço e vender. Eles nunca se deram ao trabalho de me arranjar uma cama própria.

Através das paredes chegam-me os sons abafados dos pauzinhos nas tigelas e do tagarelar de Dalang sobre a batalha. As Crisálidas venceram. Obviamente. Caso contrário ouviríamos, nas colunas da aldeia, sirenes de

alerta de intrusão e estaríamos a correr para oriente, tal como os nossos antepassados, vindos da província Zhou.

Mais ninguém diz grande coisa. Espero que estejam a pensar em mim.

Espero que vão para a sepultura com remorsos pela forma como me trataram e à Irmã Grande.

Os indivíduos condenados à exterminação familiar não têm direito a sepulturas.

Franzo o cenho, fazendo por expulsar da mente a imagem dos nossos cadáveres apodrecidos pendurados da Grande Muralha.

A porta abre-se. Encolho-me contra a cadeira, sem saber para onde olhar, esperando que os meus olhos não estejam tão inchados e vermelhos como os sinto.

De pés também cingidos, a minha mãe cambaleia na minha direção e oferece-me uma malga de papas de aveia. Aceito a tigela com um gesto atrapalhado da cabeça. Os dedos frios envolvem a porcelana quente. Sinto uma amargura a encher-me a boca, quais lágrimas. A minha mãe senta-se ao meu lado, aos pés da cama dos meus avós. A tensão retesa-se no meu estômago.

O que quer ela?, cospe parte de mim, enquanto a outra diz, Detém-me.

— Tian-Tian. — Começa ela a dizer, empregando a minha alcunha de bebé. Passa os dedos por queimaduras antigas nas mãos. — Não devias ter falado assim ao teu pai.

— Foi ele que começou. — Fulmino-a com o olhar, mesmo sentindo as faces a arder com vergonha. Levo a taça de papas à boca para esconder o rosto.

Detém-me, ouço a minha mente a repetir ao compasso do meu coração. Detém-me. Detém-me.

A minha mãe limita-se a franzir a testa com tristeza. — Porque é que tornas sempre tudo tão difícil?

Agarro a malga com mais força. — A Mamã acha mesmo que tem tido a vida mais *fácil* porque cede sempre?

— Não tem nada a ver com facilidade. O que interessa é manter a paz na família.

Rio-me com a boca encostada à porcelana, o som a endurecer progressivamente. — Ele que não se preocupe. Só fico cá mais dois dias. Depois já pode ter a paz toda que quiser.

A minha mãe suspira. — Tian-Tian, o teu pai sente muito as coisas, só isso. Lá no fundo, ele sabe bem que amadureceste. Que compreendes o que

realmente é importante. Ele está orgulhoso de ti. — Sorri. — *Eu* estou orgulhosa de ti.

Ergo a cabeça com rigidez. — Está orgulhosa por eu estar a atirar-me sozinha para a morte?

— Não sabes se isso vai mesmo acontecer. — Evita-me o olhar. — Sempre tiveste uma mente forte. A equipa de teste não disse que a tua força de espírito pode ultrapassar os quinhentos? Seis vezes acima da média! E isso foi há quatro anos. Já deve ser ainda mais elevada. Tu e o Coronel-Príncipe Yang podem revelar-se uma União Equilibrada. Podes vir a ser a Princesa de Ferro dele.

— Só há três Princesas de Ferro em Huaxia! — As lágrimas escorrem-me dos olhos, turvando a imagem dela. — E têm uma força de espírito que anda pelos milhares! Isso não passa de uma fantasia que dá às raparigas a ilusão de poderem sobreviver!

— Não fales tão alto, Tian-Tian. — A minha mãe atira um olhar de pânico na direção da porta.

— Também se sente reconfortada com uma fantasia? — prossigo. — Isso ajuda-a a dormir?

Agora são os olhos dela que cintilam. — Porque é que não és capaz de aceitar que o que estás a fazer é bom? Vais ser uma heroína. E, com o dinheiro, o Dalang pode pagar uma noiva que...

Atiro a malga ao chão. A porcelana fragmenta-se e as papas escapam do seu recetáculo num jorro fumegante.

— Tian-Tian! — A minha mãe levanta-se com dificuldade. — Os teus avós dormem aqui!

— Ah, é? E o que vão eles fazer? — grito para a porta. — Vão bater-me, para afugentar o Yang Guang com os hematomas novos? Vão obrigar-me a dormir na pocilga, para o afugentar com o meu cheiro? Se estão assim tão desesperados pelo dinheiro, já não me podem fazer nada disso!

— Tian...

— Fora!

Não podes falar assim com ela, admoesta-me uma vozinha na cabeça que me lembra a Irmã Grande. Ela é tua mãe. É a mulher que te deu vida.

Mas alguém que me fez tanto mal não pode ser minha mãe.

Estou ofegante. Debruço-me, as mãos a agarrar os joelhos. A voz sai-me com dificuldade, dando a volta ao nó que me aperta a garganta.

— Espero que na próxima vida não tenhamos nada que ver uma com a outra.